Excertos de “Tempo”

Hellísio riu-se. Não obedecia a ordens. Deixou-se boiar, sem braços nem pernas. Acostou. Arrastou-se até ao pessegueiro. Sabia que os braços e as pernas haveriam de voltar a crescer, pois eram necessários para subir a árvore, para envenená-lo. Então, surgiram como ramos, urgentes. Agarrou-se à árvore e soergueu-se. Sorriu. Não precisava de subir. Os membros serviam o propósito de fugir daquele sonho, daquela ilusão. Desatou a correr pela praia. Olhava para trás e corria, mas não saía do lugar. Estava preso ao solo, à areia. Os seus membros eram frondosos, eloquentes ramos. Cresciam rumo ao céu. Passou as nuvens, a estratosfera. Qual astronauta, estagnava num cenário escuro, polvilhado de pontos brancos. Avistou a Terra, o seu objectivo. Tinha de regressar e resolver o processo “Alfa”, sob pena de se condenar para todo o sempre à inelutável realidade: o triunfo do poder. Tinha de combater o poder, a injustiça. Lançou-se no vazio, num voo picado rumo ao planeta azul. À medida que se aproximava, percebeu que mudava de cor. Azul, verde, castanho, cinzento, laranja. Ardia em todo o seu esplendor. Mil sóis rodeavam a Terra, condenando-a ao Eterno Inferno. Cuspiam chamas, lambendo-o como o látego beija o condenado. Hellísio tentou impedir a descida aos infernos, mas era tarde demais. Caía na vertigem das trevas, envolvido em nuvens sulfurosas. Batia as asas do destino, esse destino trágico. Impotente, incapaz. Fraco. Assim era Hellísio.

*in* Tempo, *Richard Towers, 2011* (pág. 49)

“Tudo o que existe para lá da ordem física é especulativo. Não é mensurável, palpável, quantificável. É apenas uma ténue consciência que temos de algo. É uma suposição, um palpite. Convencionámos símbolos reguladores: séculos, décadas, anos, dias, horas, minutos, segundos, etc. Dividimos o tempo em fracções e lançámos a teoria. Não passa de uma invenção humana. De um condicionamento. Condicionámo-nos a nós próprios através das nossas invenções. O que criámos foi uma unidade de medida a que decidimos chamar “tempo”. Mas alguém consegue verdadeiramente observar o tempo? Olhamos para os ponteiros de um relógio e o que vemos é um impulso mecânico fraccionado. Um conjunto de frames que procuram, de forma ridícula, reunir e realizar uma acção. E que acção é essa? Uma contabilização. Pura e simples. E nós regemo-nos por essa contagem que se afigura perene, amorfa, sem desvios. Porém, já todos nós sentimos que o tempo é algo mutável, algo que toma várias formas, várias expressões. Quantos de nós não se depararam já com essa subtil transformação do momento, da passagem das horas? Quantas vezes não nos admirámos com um facto ou um acontecimento que saltou a linha do tempo? Quando nos deixamos levar pelo entusiasmo de uma tarefa, não sentimos a passagem do tempo. É aqui que entram as várias equações do tempo. Percebemos que o tempo psicológico, tal como outros, é muito mais premente e importante que o tempo convencional. No fundo, o tempo somos nós, a nossa matéria e a forma como sentimos as coisas. Quando dormimos, não conseguimos perceber a sua passagem, pois para nós, ele, de facto, não passa. Tal como na morte, é um tempo inútil. Morto. É tudo uma questão de vida e morte e não de anos, meses, dias, horas, minutos, segundos ou milissegundos. É tudo uma questão de existência ou ausência dela.”

Richard Towers in *Tempo,* página 81